

AMERICA

JORNAL NOTICIOSO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

SEGUNDA-FEIRA

9 DE JANEIRO

ANNO 1. N. 24.

PROPRIETARIOS : ZACARIAS SALCEDO & M. J. ESTRELLA

REDACTORES : DIVERSOS

Preços : por trimestre 27000 réis para esta cidade; pagamento adiantado.

PUBLICA-SE

NO RIO GRANDE

1872

AMERICA

Por uma injustiça.

Não seremos nós, quem deixaremos passar em silencio uma injustiça, que equivaleria a patrocinar o escandalo, desprezando irrisoriamente a moralidade publica, que precisa de adeptos, que precisa de fortes sustentáculos.

Um facto ha poucos dias dado nesta cidade, nos impelle a expressar nossas idéas no terreno da verdade, para por meio de uma sã imparcialidade demonstrar á evidencia, que o cidadão que vai justamente em auxilio da moralidade e do socego publico e com seus conselhos busca acalmar a ira dos exaltados, trasendo-os ao caminho da pacificação, não merece censuras; antes pelo contrario, merece a veneração do povo, merece o respeito daquelles que transviados iam ou podiam commetter desacatos de funestas e sensiveis consequencias; assim como todo aquelle que abusando destes preceitos, procura dar azo aos turbulentos, já seja por capricho ou por ignorancia, merece o desprezo da humanidade, o anathema tremendo de Deos.

O facto revoltante é que alludimos, deu-se na praça de S. Pedro, ás 9 horas da noute, pouco mais ou menos.

N'essa praça consecutivamente frequentada, seria ridiculo buscar subterfugios para negar as côres de um drama, revoltante que ali se representasse; para escurrecer a verdade de um insulto precedido de circumstancias aggravantes, feito primeiro ao cidadão que procurou terminar sem apparato bellico um escandalo repugnante, e feito em seguida a autoridade competente que foi desobedecida!

Narraremos o facto :

Um individuo de nome Speridião e um negro, como é razoavel, por qualquer divergencia de idéas travaram-se de rapões em uma venda; momentos depois passaram á vias de facto, e no meio do borborinho de soccos, empur-

roes e gritaria, foram parar á praça de S. Pedro.

Houve alguém que presenciando este escandalo, foi chamar ao inspector d'aquelle quartelão, Sr. Appolinario Jesuino de Oliveira Porto-Alegre. Este senhor dirigi-se immediatamente ao lugar do conflicto, e conseguindo fallar aos turbulentos, insiste em separalos amigavelmente. O negro obdeceu, Speridião negou-se á isso, dizendo que não tinha á dar satisfações!

O Sr. Porto-Alegre, repetiu-lhe ainda, que se deixasse d'isso, mas a desobediencia foi ainda o proceder de Speridião.

O que fazer em taes circumstancias? Deixar que Speridião recomencesse o barulho, com verdadeiro desprezo a moralidade da lei?

De certo que não.

Porém vamos ao caso que o Sr. Porto-Alegre, não soubesse cumprir com seus deveres, e deixasse aos dois turbulentos exterminarem-se no furor da peleja.

De quem seria a culpa? sobre quem pesaria a responsabilidade de um atentado tão horrivel?—da autoridade que alli se achou e não teve sufficiente força moral para sustentar a dignidade da lei.

Como não seria bonito um proceder destes!

Porém voltemos á narração.

Na segunda desobediencia de Speridião, o Sr. Porto-Alegre, poz-lhe a mão, e disse-lhe:—Então está preso. e á ordem do Sr. delegado de policia.

E o que faz Speridião?

Desvia-se da mão que o segurava, rompe em improprios e no furor de sua raiva, mette as mãos no peito da autoridade e intenta por em acção sua habilidade de *capoeira*!

Quem supportaria tal desacato?

Ninguém: e isto prova-o o auxilio expontaneo que encontrou a autoridade do Sr. Porto-Alegre, por parte do innumero auditorio que ali já se achava reunido.

Speridião foi deitado por terra pelo

povo, e a não ser o sangue frio do Sr. Porto-Alegre, que oppoz-se ao proceder da multidão, elle teria pago bem caro seu insolito atrevimento.

N'este momento, chegava o Sr. delegado de policia, e sciente do occorrido, fez efectiva a ordem do prisão, mandando levar á cadeia a Speridião.

O que passou-se depois, é do dominio publico tambem.

O Sr. sub-delegado, emcontrando-se com o preso, e não sciente, sem duvida, da legalidade da ordem de prisão, fez soltar este. A patrulha, avisou então ao Sr. Porto-Alegre do occorrido o qual fundado na lei, disse: é porque o Sr. subdelegado não sabe dos precedentes que originaram a prisão do homem: e mandou effectuar de novo a prisão de Speridião.

Este, encontrava-se á porta de sua casa, quando foi preso pela segunda vez: não houve por consequencia violação de domicilio.

Porém, não foi o Sr. Porto Alegre ainda quem por si effectuou esta prisão, mas sim o Sr. delegado de policia que chegou no mesmo instante, e fazendo de novo a prisão, reprehendeu severamente a patrulha, por não ter sabido cumprir com seus deveres, soltando um homem que estava preso á sua ordem.

Não adulteramos um só ponto: narremos fielmente o que deo-se, neste desagradavel conflicto, que adulterado não deixa de ser uma injustiça clamorosa.

O Sr. Porto Alegre, como lhe cumpre deve ter dado sua parte.

Tambem o preso segundo nos informam, fez corpo de delicto, n'um ferimento, cremos que resultante da queda, muito embora se lhe queira dar uma côr diversa, com o unico fito de attasallar ao cidadão, que chamado em sua casa, foi desaffrontar a moralidade publica.

Por emquanto paramos aqui.

O dia 6 de Janeiro.

O dia 6 de Janeiro de 1869, legou ao Brasil uma recordação amarga !

O exercito brasileiro no Paraguay presenciou uma scena triste, dolorosissima !

Um facto inesperado, um acto da Divina Providencia, veio roubar d'quelle victorioso exercito uma das suas maiores glorias, ao mesmo tempo que desviava a alegria e enviava ao coração desses heróes, o luto e o pranto, a dor e a saudade : o desespere de uma afflicção sem limites !

O emblema sagrado da victoria acabava de desaparecer ; o coração grandioso de um cidadão preclaro, de um guerreiro destimido tinha deixado de bater ; o vulto ingente que destacava-se sempre combatendo contra massas inimigas, não era mais do que um cadaver coberto pela mortalha da paz !

E esse cadaver, que tanto respeito mereceu em vida, e que tantas lagrimas arrancou em sua morte, era o do valente brigadeiro, José Joaquim de Andrade Neves, barão do Triunpho !

José Joaquim de Andrade Neves, pois, longe da patria, longe da esposa, e de seus caros filhos, entregou nesse dia á alma ao Creador, legando á posteridade seu nome, e as recordações de seus gloriosos feitos que formarão a mais magnifica epopéa do Brasil nos annaes de sua historia guerreira.

O corpo de José Joaquim de Andrade Neves, desse martyr da patria, baixou á sepultura no cemiterio da capital do Paraguay, no dia 7 de Janeiro de 1869 com todas as honras devidas ao seu merito.

Deis annos são decorridos ; e a memoria vivificante da bravura e intrepidez, desse valente soldado, ainda vive em todo o brilho fascinador do momento no coração do povo brasileiro.

Andrade Neves, bem mereceu da patria : seu nome só é o marco que apontará no pensamento do viajante, a recordação de um heróe, symbolisado na liberdade do povo paraguay e na desaffronta do povo brasileiro !

Paz ás cinzas desse vulto venerando ;
Homenagom sincera á sua memoria ;

Saudade eterna para a provincia do Rio Grande do Sul, que chora seu estro-mecido filho.

Photographia do Progresso

Convidamos ao publico á visitar este novel e importantissimo estabelecimento situado á rua Pedro II, junto á officina typographica do Echo do Sul.

A delicadeza no tratar, a habilidade do artista encarregado de tirar os retratos ; a commodidade dos preços destes : tudo influe, tudo indica, tudo convence que nosso convite deve ser accedido.

Hoje que o offerecimento de retratos, é um dos presentes mais dignos, porque é uma prova de consideração e amizade ; é um tributo de gratidão que attesta o verdadeiro apreço que se faz da pessoa, a quem o dedicamos: julgamos opportuno lembrar ao publico, que no estabelecimento a que alludimos, podem ser satisfeitos seus desejos pela modica quantia de 3\$000 por uma duzia de retratos !

A perfeição deste trabalho, que muitos julgarão máo pelo diminuto preço porque é feito, não admite o minimo vislumbre de censura, pois que elle rivalisa com os retratos mais perfectos, tirados por photographos importantes desta cidade.

O Sr. Bradley, possui uma photographia de subido credito, o Sr. João King uma outra ; porém permitam estes cavalheiros que lhe digamos, que a do Progresso não lhes fica á dever nada, na preparação e na concepção saliente e maravilhosa de qualquer retrato.

O proprietario desta ultima officina, de quem ignoramos o nome, porém que admiramos sua habilidade e seu talento ; sua dedicação e cavalheirismo, não é de certo um aventureiro ; algumas pinturas á oleo que tivemos o prazer de admirar, attestam nos traços vivos e quasi animados de um pincel sublime, o quanto é proficiente e consummado este cavalheiro, na arte do immortal Raphael.

A's photographias, já o dissemos, são perfectas, o que é um palpavel contraste, comparadas com o preço diminuto porque são tiradas.

Tambem, segundo ouvimos dizer, o proceder actual deste artista, tem por fim atirar uma semente no animo do povo desta cidade ; semente que não haja duvida, terminará por dar-lhe o fructo do credito, que almeja alcançar para firmar pelo conhecimento sua reputação, porquanto os retratos só serão tirados até o fim deste mez, pelo diminuto preço de 3\$000 a duzia.

Mais uma vez recommendamos ao publico, não perder a occasião de visitar esse estabelecimento.

POESIA**Recitativo**

A' ***

Na hora em que a brisa murmura e perpassa
Nas flores viciadas d'aquelle jardim ;
Na hora em que tudo só diz solidade :
Não sentes, anjinho, saudades de mim ? !..

Na hora em que a rôla gemendo tristinha,
Pousada na haste do um murcho jasmim
Chorando seus tristes perdidos amores :
Não sentes, anjinho, saudades de mim ? !..

Na hora em que o peito pulando contente,
Quem sabe, de amores de algum seraphim ;
Na hora em que a alma só pede prazeres :
Não sentes, anjinho, saudades de mim ? !..

Na hora em que o rio de prata da lua,
Brilhante mais alto que o proprio marfim,
Nas aguas serenas do mar, vai fundar-se :
Não sentes, anjinho, saudades de mim ? !..

Na hora em que chora desgragas o triste,
Traição, abandono de algum cherubim ;
Na hora em que aterna pombinha suspira :
Não sentes, anjinho, saudades de mim ? !..

Na hora em que tudo só diz — poesia,
Amores, ternuras, venturas sem fim ;
Na hora em que brota fagueira rosinha :
Não sentes, anjinho, saudades de mim ? !..

E quando, em meu peito de amores passados,
As dores agudas tiverem já fim ;
E quando, em minha alma, voltarem prazeres :
Não sentes, anjinho, saudades de mim ? !..

E quando os amores da infancia voltarem,
Voltarem de novo tão bellos assim,
E quando algum anjo por mim te supplicar :
Não sentes, anjinho, saudades de mim ? !..

E quando em tua alma do ente divino,
Lá forem rigores finitos alfin,
Eu quero, anjinho, que volvas alegre,
Bem ternos, bem mortos, os olhos para mim ? !

E quando tu chegas faceira á janella,
Voltando teus olhos de amores sem fim ;
Não vês que os meus olhos te fallam, te dizem
Que volvas teus olhos, bem ternos para mim ? !

Se queres que eu viva cantando venturas,
Que eu viva contente pensando em amores,
Não venhas á tarde tão bella janella
Que matas minha alma já negra de dores ? !..

Não vês que eu padego com tua presença,
Não vês que o teu porte tem tanta atracção,
Não vês que os teus olhos tem tanta meiguice
Que matam meu peito sem ter compaixão ? !..

Não venhas anjinho por Deos á janella
Causar tantas dores,
Não sabes que crente dominaste minha alma
Nos céos dos amores ? !..

Se, pois, não me amas, se, pois não me adoras
Não causes mais dores ao meu coração,
Não venhas, mimosa, roubar meu socego,
Com ternos olhares de tanta atracção.

* *

gum tanto roxas e violáceas para os estremos, como se o sol lhes desse esta derradeira e última cor, para fazer mais melancólico o crepusculo vespertino. As arvoredos do dilatado jardim, despojadas de suas folhas, pareciam as esqueletos da natureza, agitando aos impulsos do vento seus braços seculares. Chegava até seus pés alguma folha seca, simbolo talvez de uma esperança perdida ou de uma juventude passada: porém taes objectos eram simples accessorios do que se passava em sua alma.

Todas estas cores tão lugubres, todos estes detalhes descarnados, não podiam ser um annuncio de que Genaro devia morrer ao dia seguinte?

Os namorados são supersticiosos como os velhos; e Mathilde, que amava com *deito* segundo sua expressão, tremeu de novo ao pensar nestas idéas.

Apesar disso, desde que apurara o vaso de agua, uma calma desconhecida, ia invadindo pouco a pouco suas faculdades; seus pensamentos principiaram a carecer daquelle inflexibilidade terrifica que lhe causava immenso damno, fluctuando entre um sem numero de imagens que, como os phantasmas da gruta de Merlin, iam-se perdendo no fundo de sua imaginação.

Representou-se-lhe o desso, e por um phenomeno que elle não poudo explicar-se, distinguia claramente á Genaro e á Maurice Mathieu, lutando como dois cavalheiros da antiguidade. Aquelle combate ia adquirindo cada vez um perfil mais incerto, como se fossem levantando entre ella e os dous amantes, véos de gase que escureciam mais e mais um espectáculo tão prodigioso.

Sua alma suprema procurou a imagem de Genaro, e o vio só, mandando-lhe seus sorrisos e seus olhares. Depois quiz fazer um esforço sobre si para corresponder-lhe da mesma maneira; porém seus labios permaneceram rigidos e seus olhos cravados n'um horizonte que carecia de limites.

Tambem a céu e o jardim, iam adquirindo sua transformação. As cinzentas nuvens rolaram como as vagas do mar, até que brilhou um firmamento puro e azulado como um espelho de prata: as arvoredos cubriam-se de verdes e sazonados fructos, e Mathilde experimentou essa doce somnolencia da primavera impregnada de perfumes e voluptuosidade.

Varias vezes a formosa joven quizeria fazer-se uma explicação de taes maravilhas; porém sua vontade carecia de energia, deixando-se levar através d'aquelles encantos que se iam despregando successivamente como os quadros dissolventes de um chimico moderno.

Sentiu que seus parpados se fechavam, como se o espirito dos sonhos ahouvesse tocado com seu septo d'ebano; experimentou certa impotencia, como se cadeias invisíveis sujeitassem seu corpo a gritar, possíveis seus labios apenas se abriram para proferir um som languido e moribundo. As perspectivas que por algum tempo se foram reunindo ante seus olhos, apagaram-se progressivamente, como acontece em um quadro inutilisado por um pintor, que ficam as cores e desaparecem as formas: depois es-

tas vagas recordações foram-se cubrindo de espessas sombras, até que uma noite, profunda e negra como a do sepulchro rodeou a Mathilde, que cahiu immovel no sofá...

Qualquer a houvera julgado morta, a não levantar seu formoso seio a ligeira respiração que se escapava fatigosa por sua garganta.

Estava como uma escultura de alabastro estendida sobre um leito de marmore, com os olhos fechados, o semblante pallido como uma agnena, com uma mão cahida descuidosamente sobre sua fralda, enquanto que com a outra, apoiada sobre o peito, parecia querer arrancar alguma cousa de doloroso que a mortificava.

Taes haviam sido os effeitos do narcotico que a condessa de Segalro lhe acabava de subministrar por meio do copo d'agua.

Portanto, a pobre joven ficava exposta ao capricho de um amante, de um estrangeiro, que não sabia talvez guardar, por generosidade, o respeito que merecia aquella victima infortunada.

A noite havia sobrevido, e Maurice Mathieu, segundo a cita recebida na anterior devia apresentar-se de um momento á outro em o gabinete branco.

Faltavam poucos minutos para ás dez, que era a hora conveniçõada.

Uma mão desconhecida ou assalariada havia encendido uma lampada que dava reflexos moribundos em o lindo gabinete, agitando as figuras pintadas na cipola com seu movimento convulsivo e phantastico. Por fóra bramava o vento entre as ramagens das arvoredos e a chuva açoutava as cristas do pavilhão.

Nenhum outro ruido chegava até o fundo d'aquelle retrado gabinete.

De prompto sentiram-se passos, os quaes iam avisinhando-se com lentidão: aos passos succedem o ligeiro chilrar de uma porta e ao abrir-se esta, appareceu um homem em o gabinete.

Estava embaçado até aos olhos, e ficou immovel, deixando ás suas costas a mysteriosa porta, que havia tornado a fechar-se.

A lampada projectava tão incerta claridade, que o embaçado teve que deter-se por alguns instantes.

Mas depois de fixar seus olhos no sofá avançou lentamente; sob o embaço de sua capa, descobriu sua cabeça e então poudo vêr-se a pallida e elevada figura de Maurice Mathieu.

Mathilde estava immovel, e o enamorado general sentiu estremecer-se seu coração ao vêr-se só ao lado d'aquella mulher adorada, se bem não poudo menos de ficar mudo e silencioso ao notar a reservada attitudde que a rodeava.

Vendo que esta seguia reclinada, sem levantar a cabeça para saudal-o, exclamou: — Mathilde!

A este chamado não respondeu nenhuma voz.

E o écho, sem duvida, d'esta voz resouo no peito da joven, a qual agitou-se com um ligeiro tremor, como se presentisse o perigo que a ameaçava.

O general mais admirado com aquelle silencio, tornou a dizer:

— Mathilde !...Não me ouvis ? Sou eu... o general Maurice Mathieu, que vem calhar as vossas plantas para jurar-vos um amor eterno.

Reinou o mesmo silencio.

— Ah ! não quereis ouvir-me ? exclamou Maurice, tirando a capa ao chão. Tanto me odeias, que não mereço de vós uma palavra consoladora, saquer um ligeiro sorriso ! Conheço que obrei mal invadindo este solitario gabinete ; porém se comprehendes o estado em que se encontra minh'alma ; se pudeses lêr o que existe aqui, em meu coração, terieis compaixão d'este desgraçado.

O general cahio de joelhos com suprema paixão ; porém longe Mathilde de responder, permaneceu immovel como um cadaver.

— E' estranho, disse Maurice, fixando seus olhos na joven. Não responder uma palavra, não fazer nenhum movimento... Oh ! não parece senão que a pallidez da morte circunda suas faces. Mathilde ! tornou a exclamar com voz commovida.

Elevantando-se com anciedade correu ao lado da joven.

Quando a vio tão formosa, tão insensivel, tão abandonada ; quando tomou uma de suas mãos, e aquella mão gelada permaneceu entre as suas sem oppor nenhuma resistencia ; quando vio seus olhos entornados e a cabeça cahida para traz, o general experimentou dois sentimentos poderosos oppositos entre si. O sentimento que infunde a desgraça e o que infunde o amor.

Aquelle cita, o somno da joven, todo aquelle apparato fascinador disposto tão perfeitamente para illudir ao espirito mais forte, não podia ser uma combinação estudada de ante-mão entre a mãe e a filha, para faser o dono daquelle corpo encantador e daquelle alma ao parecer tão pura ?

E ainda que assim não fosse, os momentos, as circumstancias, a situação não eram completamente suas ?

Ante a idéa de uma victoria sem esforços, parece que existe certa repugnancia ao conseguil-a. E' necessario q' haja muita degradação em a alma do individuo q' se vale da impunidade para commetter uma acção reprovada. Sem embargo, ha momentos em que desaparece toda a classe de reflexão : a luz que illumina nosso entendimento, chega a apagar-se, e então ninguém é capaz de conter-se na pendente dos acontecimentos.

O general havia tomado aquella mão, e via-se assaltado por terríveis pensamentos. Mathilde estava perto delle, formosa e deslumbradora, prostrada por um somno inexplicavel, como se lhe brindasse com seu mais secreto amor : sentia cruzar por sua fronte vapores do fogo que o fazião estremecer dos pés á cabeça ; queria fugir, e se avisnhava mais, para buscar o temperado calor daquelle corpo idolatrado...

Semelhante luta não podia durar muito tempo.

— Mathilde ! tornou a exclamar, depois que acabou de perder inteiramente sua razão. Sem duvida um poder superior preparou este momento para que se confundam nossas almas. Tu, a quem tanto hei adorado, sem conseguir nunca a mais ligeira espe-

rança ; tu, por quem estava disposto á conseguir todas as glorias para offercel-as á taus pés ; tu, por quem amanhã joga a minha existencia, espondo meu nome e meu porvir, que são os sonhos de um soldado, recebe agora a eterna prova de meu amor, como amanhã receberás a eterna prova de minha fé.

E ao dizer estas palavras, o general Maurice Mathieu, foi arrojarse nos braços d'aquella mulher.

Porém, no mesmo instante, uma mão de aço o sugeitou pelo pescoco e o fez cahir de costas.

Tão rapida havia sido esta operação que o francez não teve tempo para defender-se.

— Miseravel ! gritou uma voz.

E ao mesmo tempo um homem, melhor dito Genaro, com o cabelo espargido pela cólera e pela surpresa, os olhos chammaes como os de um leão, com uma mão apoiada no hombro do general e elevando com a outra um punhal que brilhava sinistramente sobre sua cabeça, lançava surdos rugidos de raiva.

— Quem és tu ? exclamou Maurice Mathieu, ainda atterrado com aquelle ataque tão repentino.

— Sou...olhae-me bem...sou o que está destinado á proteger a honra d'essa desgraçada, victima n'este instante de uma infame intriga : sou o que tem forças sufficientes para faser-vos empedaços como a um vaso de barro quando atiram-no voluntariamente ao chão : sou o q' sabe respeitar o somno das mulheres, se este é natural, e procurar ao culpavel, se este somno é produzido pelo opio, como o vejo em essa joven, cuja pureza vais deshonrar.

— O que estaes dizendo ? exclamou o general, que esquecendo-se dos insultos que lhe prodigalisavam só pensou no que tinha conexão com Mathilde.

— Com o opio, repito-o, exclamou Genaro com suprema indignação. Conheço perfeitamente os effeitos d'esse narcotico, e ainda em o vapor que aqui se respira, absorvem-se as moléculas d'esta planta...Ah ! sem duvida sois o author d'este attentado e vais morrer.

— Podeis matar-me porque me haveis sorprendido, exclamou Maurice Mathieu. Só cedi a um arrebatamento... quanto ao mais minha consciencia está tranquilla...

— Então quem sois ?

— O general Maurice Mathieu.

— Meu rival !

— Sim ; sois vós que amanhã deveis concorrer a minha cita na ponte de Toledo ?

O mesmo, respondeu Genaro, baixando o punhal e deixando livre ao seu contrario.

Levantou-se Maurice Mathieu envergonhado daquelle scena.

— Em esse caso, replicou com surdo accento, poucas horas faltam para nossa vingança. Contudo devo-vos a vida, e quero ser generoso como vós. Juro-vos que não tenho parte alguma no somno desta joven que deixo encommendada á vossa honra. Além sinto ver em vossa mão um emblema de alliança. Deveriamos ser irmãos, em vez de ser rivaes.

Genaro não comprehendu estas palavras